

Apicultura: a experiência de começar a criar abelhas em meio a seca severa

Daniela Barbosa Andrade Rodrigues¹, Antônio Carlos de Montes², Terezinha de Jesus Barbosa¹, Cláudio Baltazar Silva Dias¹, Pedro Carlos Gamada Silva³

Resumo

Esta pesquisa de campo foi realizada em Moreilândia, PE, no mestrado em Extensão Rural da Univasf. Foi relatada a experiência do produtor Antônio Carlos de Montes que, mesmo diante da seca severa que assola o Nordeste desde 2012, resolveu se dedicar à apicultura. Antônio trabalhou como cortador de cana-de-açúcar em São Paulo, mas voltou a sua cidade natal e buscou novo trabalho, tornando-se apicultor em 2012. Nessa época, a queda na produção de mel passou de 1.753 t, em 2011 para 276 t, em 2012, segundo o IBGE. Ele relata que sentiu os efeitos da seca como outros apicultores, por isso decidiu se “profissionalizar e estudar”. Ao ser questionado sobre o que o motivou a ser apicultor a resposta foi objetiva: “porque a apicultura é uma das atividades que preserva a natureza e porque na agricultura é uma das atividades mais rentáveis”. Falou da importância de preservar as abelhas e a vegetação nativas, e de plantar mudas de aroeira e baraúna. Começou a criar abelhas nativas Mandaçaia, Jatí e a Manduri, para contribuir com a biodiversidade. Sua produção cresceu, na contramão do que acontecia no território, produzindo o total de 450 kg em 2014, 650 kg em 2015, 1.100 kg em 2016 e 1.650 kg em 2017. Com a volta das chuvas este ano, ele obteve uma produtividade média de 50 kg/colmeia e produziu 2.200 kg de mel, até o momento. Antônio defende que “a apicultura profissional é possível, tudo é manejo” e sua produção em 2018 certamente será maior.

Palavras-chave: apicultura; seca severa; biodiversidade.

¹Universidade Federal do Vale do São Francisco; ²Associação dos Apicultores de Moreilândia; ³Embrapa Semiárido, daniela.rodrigues@codevasf.gov.br.